

MENZIES, R.P. **The Development of Early Christian Pneumatology, with special reference to Luke-Acts.** Sheffield, 1991.

³² 1Ts 4,8: o convite à santidade « τοιγαροῦν ὁ ἀθετῶν οὐκ ἄνθρωπον ἀθετεῖ ἀλλὰ τὸν θεὸν τὸν [καὶ] διδόντα τὸ πνεῦμα αὐτοῦ τὸ ἅγιον εἰς ὑμᾶς. »; Gal 5,22: o Espírito produz muitos frutos de Salvação « Ὁ δὲ καρπὸς τοῦ πνεύματός ἐστιν ἀγάπη χαρὰ εἰρήνη, μακροθυμία, χρηστότης ἀγαθωσύνη, πίστις » em Ef 1,17: o Espírito vem denominada de sabedoria e revelação « ἵνα ὁ θεὸς τοῦ κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ, ὁ πατὴρ τῆς δόξης, δώῃ ὑμῖν πνεῦμα σοφίας καὶ ἀποκαλύψῃ ἐν ἐπιγνώσει αὐτοῦ » 2Tm 1,7: « οὐ γὰρ ἔδωκεν ἡμῖν ὁ θεὸς πνεῦμα δειλίας ἀλλὰ δυνάμεως καὶ ἀγάπης καὶ σωφρονισμοῦ » Como em Rm 5,5: « ἡ δὲ ἐλπίς οὐ κατασχύνει, ὅτι ἡ ἀγάπη τοῦ θεοῦ ἐκκέχυται ἐν ταῖς καρδίαις ἡμῶν διὰ πνεύματος ἁγίου τοῦ δοθέντος ἡμῖν » em todas as passagens o verbo “dar”, indica tecnicamente a presença de uma fórmula pré-estabelecida. “But in early Christianity it is apparently applied concretely to the conferral of the Spirit in Baptism.”, 191.

³³ 1Jo 4,1: « εἰ ἐκ τοῦ θεοῦ ἐστιν » eis a questão-chave do discernimento cristão dos “espíritos” em todos os tempos.

O USO DA ARTE COMO UM RECURSO MORALIZANTE DA HÉLADA

Profa. Adriana Clementino de Medeiros
Professora de História da Arte (UERJ) e Especialista em Arteterapia e Psicopedagogia (UCAM)

RESUMO

O olhar para o nu através da história, a partir de pensamentos morais e pedagógicos surgido com a civilização grega e a influência da civilização helênica na representação do corpo humano nas épocas posteriores. A moralidade e a intervenção religiosa no processo artístico, tornando a imagem do homem e da mulher – até então influenciados pela estética clássica - fontes de pecado e luxúria. O renascer da arte clássica após a opressão religiosa, com o ressurgimento do antropocentrismo no Renascimento. A comparação da ousadia artística grega e renascentista na representação do nu. A estética grega na representação da beleza humana e sua importância na arte universal.

Palavras-chave: arte helenística; estética; moral

Moral: s.f., conjunto de regras e conduta consideradas como válidas, quer de modo absoluto para qualquer tempo ou lugar, quer para grupo ou pessoa determinada. (Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa)

Pensar no processo da construção estética das esculturas gregas, principalmente as do período helenístico, é vislumbrar a moral de um povo que consagra o prazer do belo através do físico perfeito, utilizando imagens de esculturas como instrumento quase pedagógico para divulgar o ideal helênico da polis perfeita.

A arte grega nos períodos clássico e helenístico assume uma característica mais livre esteticamente, mas ainda imbuída de uma série de regras estéticas, mesmo quando o objeto final artístico era o nu.

O tema “nu” já era utilizado desde a pré-história, com representações das primeiras vênus paleolíticas que apresentavam corpos totalmente desnudos, e veio passando por “*adaptações de época*” até chegar à civilização na qual este trabalho se baseia.

As esculturas de nu na pré-história — vinculadas a uma moral primitiva de sobrevivência básica — associavam-se a um simbolismo pagão onde as imagens cumpriam uma função mágica. Essa característica artística de representação do nu com função religiosa se manteve presente em muitas civilizações antigas até chegar à Grécia, onde o sentido de moral, ainda que sem a conotação sexual, começa a ser

desenvolvido com mais objetividade e clareza, referindo-se a uma arte que poderia assumir a função de transmitir conceitos e valores.

Sabemos que a moral se desenvolve em diferentes épocas e sociedades como respostas às necessidades de solucionar problemas que surgem das relações entre os homens. Esse pensamento torna-se evidente na Grécia quando surgem os primeiros filósofos e grupos que introduzem novas formas de pensar que acabam por marcar a história do mundo ocidental.

A partir das indagações filosóficas e da análise comportamental da sociedade Grega, surge o conceito de moral e neste caso estamos nos referindo a uma moral que envolve o *fazer arte* e o *prazer estético*. O *fazer arte* na Grécia significava seguir regras constituídas a partir de um determinado padrão estético e funcional. Exemplo: a arte tinha como função ser usada para ornamentar os templos dos deuses ou enfeitar vasos, ou até mesmo como objeto de contemplação e adoração – o *prazer estético*.

Neste trabalho, entretanto, vamos nos concentrar na arte da estatuária, onde os escultores gregos – que, como deuses, criavam um mundo ideal, principalmente quando esculpiam a figura humana – revelaram-se produtores de uma arte que buscava uma perfeição divina que estaria escondida no interior de cada ser humano. Este processo teve início no período arcaico quando se criou o primeiro homem nu com formas geométricas e estáticas tentando assimilar a verdadeira essência dos deuses e dos homens; passando pelo período clássico através das esculturas naturalistas de Fídias, que transmitiam respeito, dignidade e uma nova concepção de divino; e evoluindo até o período helenístico com liberdade de movimento e expressão.

[...] o século V a.C. é uma das épocas da história da arte em que se realizam as conquistas mais importantes e fecundas no campo do naturalismo. Isso é verdade não só no que se refere ao estilo clássico inicial das esculturas de Olímpia e a arte de Míron; todo o século demonstra um contentamento em face da natureza que, com algumas breves pausas, irá continuar aumentando. (HAUSER, 1995:81)

A grande maioria da estatuária grega é composta por obras com motivos religiosos, retratando cenas míticas, imagens votivas e ritualísticas, imagens que representavam ídolos que eram adorados pelo povo.

Entre os gregos a religião tinha pouca relação com a moral da sociedade, em face do caprichoso temperamento de seus deuses que nem sempre agiam de acordo com o sistema de normas consideradas justas ou obedeciam aos códigos morais, deixando-se levar por caprichos pessoais bem egocêntricos. Entretanto, esse comportamento – que violentava os padrões estabelecidos para a sociedade – não estava presente na forma de retratar a figura dos deuses, vez que os artistas, imbuídos de um pensamento antropomórfico voltado para a perfeição física, criaram

um ideal de representação estética que minimizava o caráter humano e desvirtuoso dos deuses e exaltava virtudes quase sempre inexistentes.

Essas representações antropomórficas dos deuses, quase sempre através de nus, eram determinadas por regras de conduta em que o corpo deveria atingir um ideal de beleza, harmonia e perfeição, e o artista representava essa concepção através da simetria e proporção da forma, onde a intenção de erotismo não se situava, dando lugar apenas à contemplação da idealização divina. Embora o estudo do corpo humano para os gregos fosse contido de um grande respeito às regras, os artistas recebiam certa liberdade de criação a fim de dar forma à imagem convincente da figura humana.

Flavio Conti ratifica essa informação quando caracteriza a arte grega do período clássico e helênico com a máxima da afirmação da antiga filosofia grega: “O homem é a medida de todas as coisas; das que são, enquanto são, das que não são, enquanto são”.

[...] uma estátua deveria ter um aspecto completamente humano, sem nenhum daqueles pequenos e inevitáveis defeitos que todo ser humano possui; em suma sem qualquer desvio de norma. É necessário eliminar tudo o que for individual, acessório, acidental: elevar-se das formas dos homens à forma da humanidade. (CONTI, 1978:34)

A estátua tinha que ser criada para ser contemplada com toda sua beleza e perfeição, sem a provocação sexual em suas linhas sinuosas, mas exibindo certa sensualidade que provocava o olhar para a beleza considerada como ideal. Entretanto, para seguir esse padrão de conduta estética os gregos passaram a olhar para a figura humana de forma seletiva, pois as representações só podiam ser de homens nus com o corpo cheio de força e músculos, mulheres jovens com corpos cheios de graça e juventude e a mulher amadurecida com o corpo composto e grave — as mulheres sempre vestidas. Para alcançar tal objetivo, os artistas, no período clássico, usavam a roupa das mulheres carregada de excessos de drapeados para marcar as principais divisões do corpo humano feminino.

Inúmeras esculturas gregas eram utilizadas com fins religiosos, representando deuses para os quais se ofereciam sacrifícios e que atraíam milhares de adoradores com esperanças e medos em seus corações. Essas imagens – originalmente em bronze — foram quase todas extintas e as poucas que “sobreviveram” até hoje são meras cópias em mármore feitas pelos romanos, sendo raras as originais em bronze. Essas estátuas, consideradas as mais famosas do mundo antigo, desapareceram por vários motivos, sendo um deles o surgimento do cristianismo que – impondo uma nova moral religiosa — determinava a destruição de qualquer estatua de deuses pagãos (em bronze ou mármore, não importava), principalmente as que representavam o nu.

Nesse período da história grega, a maior parte das esculturas era composta

por nus, principalmente masculinos, vez que estes representavam toda a força e a grandiosidade dos deuses gregos, com seu caráter e poder absoluto. As regras de criação das esculturas, entretanto, vão se tornando cada vez mais livres, como podemos observar mais tarde, no século IV a.C., nas primeiras representações escultóricas de Praxiteles (392-330) e seus contemporâneos, quando ele começa a estudar o nu feminino e a usá-lo como tema central de sua arte. Um desses exemplos é a estátua de “Afrodite no banho de Cnido”, considerado um dos nus mais famosos e cujo projeto teria infringido as convenções que reservavam os nus somente aos temas masculinos.

Praxiteles usou sua amante Eriné como modelo e nessa composição observamos a doçura e o caráter insinuante de uma deusa que, sobre linhas curvas e seios redondos e firmes, se mostra digna de contemplação divina. Segundo Gombrich, (1999:103), essa é a obra mais mencionada e conhecida no mundo, representando a jovem deusa do amor Afrodite livre da rigidez clássica encaminhando-se para o banho. A deusa eleva-se de forma descontraída diante dos espectadores que contemplam sua imagem, sem ao menos sugerir qualquer vestígio de deslize que prejudique sua dignidade.

A preocupação desse mestre era mostrar a figura do nu de forma bem clara, com todas as articulações mais importantes dos corpos humanos plenos, cheios de vitalidade e energia. É o que podemos observar na evolução da perfeição da estatuária do período helênico, que era retratada através de uma idealização de natureza perfeita, mais leve e plena de perfeição nos seus esquemas corporais idealizados.

Neste período evolutivo da arte grega, a escultura nua começa a deixar de ser uma exclusividade dos corpos masculinos e começa a surgir maior interesse em retratar mais corpos femininos nus. Esses corpos passam a ser trabalhados livres da rigidez anterior e vão sendo criadas imagens mais convincentes da figura humana, mostrando o corpo em amplos movimentos como se o escultor tivesse o total conhecimento da realidade.

Esse pensamento de conduta moral, na forma de contemplação do corpo nu, desaparece na idade média, onde toda nudez da arte passará a ser coberta, recebendo outra interpretação moral: a de pecado. Reaparecerá mil anos depois, no Renascimento, mas também com um sentido moral já alterado.

Como foi visto até o momento, valores morais com conotação sexual estabelecendo “certo” ou “errado” não permeavam a arte da antiguidade que, livre desses preceitos, permitia o desenvolvimento de obras baseadas mais na concepção estética do que propriamente nos valores pré-concebidos da sociedade, facilitando assim uma aplicação de moral sem grandes cobranças e julgamentos.

Toda cultura e cada sociedade institui uma moral, isto é, valores concernentes ao bem e ao mal, ao permitido e ao proibido, e à conduta correta, válido para todos os seus membros. Culturas e sociedades fortemente hierarquizadas e com diferenças

de castas podem até mesmo possuir várias morais, cada uma delas referidas aos valores de uma casta ou de uma classe social. (CHAUÍ, 2002:339)

A nudez na arte caracterizava-se de forma distinta para cada sociedade, desde o nu da arte grega — que tinha uma concepção moral de imparcialidade com relação à sexualidade —, passando pelo Império Romano, com quase os mesmos pensamentos, mas dando um tom ainda mais naturalista e menos idealista, e chegando na Idade Média, onde esses valores morais assumem uma concepção puramente sexual e pecaminosa.

O cristianismo, religião oficializada na Idade Média — que adorava um único Deus e onde este só se relacionava com o indivíduo que cria nele —, deixava claro que a relação entre o homem e Deus só acontecia espiritualmente e não em paralelo com a sociedade. Ou seja, os valores morais não se definiam através das regras criadas pela sociedade e sim da relação que o homem tem com Deus. Essa moral, essencialmente teocêntrica, que partia das relações do homem com o seu criador, definia regras que esse homem deveria seguir para conduzi-lo a alcançar sua salvação. Essa nova ordem de pensamento (de uma moral ligada ao espiritual) estabelecia que transgredir as leis divinas era o primeiro impulso para o pecado.

Deus tornou sua vontade e sua lei manifestas aos seres humanos, definindo eternamente o bem e o mal, a virtude e o vício, a felicidade e a infelicidade, a salvação e o castigo. Aos humanos cabe reconhecer a vontade e a lei de Deus, cumprindo-as obrigatoriamente, isto é, por atos de dever. Este é o único que torna morais um sentimento, uma intenção, uma conduta ou uma ação. Tal concepção leva a introduzir uma nova idéia na moral: a idéia do dever. (CHAUÍ, 2002: 343)

Este pensamento permeou por toda Idade Média atingindo de forma preconceituosa as artes e eliminando toda representação de nudez, principalmente das figuras femininas. A única representação de nudez admitida era a de Adão e Eva — ainda assim, nudez parcial —, pois tendo sido o corpo humano considerado fonte de pecado, essas duas figuras mitológicas cristãs deveriam tornar-se exemplos educativos a não serem seguidos.

A arte com representações de nudez foi relegada ao esquecimento e à total extinção, vez que era considerada uma arte pagã. A moral cristã que estava sendo imposta estabelecia que a alma era o símbolo espiritual da virtude; o corpo deveria ser coberto para não provocar pensamentos e atos impuros e pecaminosos que culminariam em corromper a própria alma. Dessa forma, a exibição de corpos nus — em qualquer forma de arte — passou a ser considerada sacrilégio e ofensa a Deus.

Esse ideal deturpado da arte, tendo a religião vigente na época como a responsável pela transformação do nu em pecado, levou os artistas da Idade Média a ficarem exclusivamente a serviço de Deus (leia-se “Igreja”), ocupando-se em descaracterizar os corpos das imagens e fugindo cada vez mais do real humano,

vestindo-os de longos trajes e colocando como ardendo no fogo do inferno aqueles que estivessem representados nus. Assim, diferentemente da Grécia, a nudez passou a ser considerada como pecado e sua exibição era intolerável e sujeitava a julgamentos violentos aqueles que ousassem quebrar as regras de conduta que a religião imprimia. Essa nova moral era ainda mais contundente quando se tratava do nu feminino, vez que a mulher, naquela sociedade medieval, era considerada como a provocadora de todas as mazelas dos homens, tendo a capacidade de despertar os desejos mais sórdidos do homem, levando-o a perder sua honradez e dignidade, fazendo-o desejar lascivamente o corpo feminino – que passa a ser considerado como imoral.

Já no período conhecido como Renascimento, começa a haver uma mudança significativa na moral vigente, ocorrendo quase um retorno aos tempos gregos. O homem desse período descobriu que as civilizações consideradas pagãs, principalmente da antiguidade clássica, representavam o estágio mais evoluído da história e buscou igualar-se a ela ou mesmo superá-la em seu esplendor.

Esse comportamento teve suas bases arraigadas nas várias mudanças sociais e econômicas com a ascensão da burguesia — moral burguesa — e a extinção da sociedade feudal. O incentivo à produção da ciência e os movimentos reformistas na igreja, onde se separava a razão da fé, trouxe para aquele cenário histórico o antropocentrismo — o homem como o centro de sua atenção — em contrapartida ao teocentrismo medieval.

Esse novo pensamento obviamente se refletiu nas artes, e os artistas do Renascimento passaram a representar o ideário clássico também como uma moral pedagógica, conciliando a religiosidade cristã com a arte através da representação de temas mitológicos greco-romanos e de nus. Esses temas passaram a não ser mais considerados objeto de desprezo – como foram na Idade Média —, e oportunizou o homem desse período a sair à procura de novos elementos que completariam seus conhecimentos. Esse homem vai buscar nas artes da antiguidade clássica, inspiração para suas novas criações, principalmente no que se refere ao nu.

Marilena Chauí fala da série de mudanças no pensamento da civilização renascentista, quando atrela tal alteração à necessidade do homem buscar, paradoxalmente, novos conhecimentos na antiguidade.

[...] a partir do Renascimento a filosofia moral distancia-se dos princípios teológicos e da fundamentação religiosa da ética, a idéia do dever permanecerá como uma das marcas principais da concepção ética ocidental. (CHAUÍ, 2002:343)

Entretanto, mesmo com a intenção de fazer *renascer* a cultura artística grega, uma diferença fundamental separava-os da Hélade: a forma de “ver” o nu artístico. Enquanto os gregos apreciavam o nu como a “representação da perfeição física humana” – o prazer estético —, o homem renascentista apreciava o nu com

a moral individualista, com ênfase no prazer visual, embora sua fruição como objeto real de prazer só passe a ser assumida séculos depois.

Exemplo dessa diferença estética é encontrado no trabalho de Michelangelo que, mesmo buscando na arte grega a base de seu trabalho, esculpiu seu “David” quebrando a semelhança com a estatuária helênica, ao dar-lhe um rosto com expressão psicológica.

[...] o *David* de Michelangelo tem uma expressão desconhecida na escultura até então. Contém uma espécie de força interior que não aparece no humanismo idealizado dos gregos. [...] Possui um tipo de consciência que surge com o Renascimento em sua plenitude: a capacidade de enfrentar desafios da existência. (PROENÇA, 1996:91)

Outra dessemelhança entre as esculturas nuas gregas e renascentistas foi o enfoque no gênero: na Grécia as estátuas nuas eram predominantemente masculinas, enquanto que no período renascentista o nu feminino teve preferência na representação estatutária.

E havia ainda uma significativa diferença na representação do nu feminino entre as duas sociedades: embora as imagens sempre mostrassem figuras mitológicas, na Grécia a mulher era sempre representada como símbolo de graça e beleza associada a um objeto de devoção e de prazer — estético — que não tange o sexual (ainda que com formas sensuais). No Renascimento, em seus primórdios, o enfoque era semelhante; mas posteriormente as mulheres passaram a ser representadas com toda a sensualidade, insinuação, provocação e disponibilidade que o homem desejava na mulher dessa época — o que não se evidenciava no nu feminino da Hélade. Essas representações tornam-se mais evidentes no Alto Renascimento, quando surgiram obras de nus lascivos, de abandono e exuberantes.

Como curiosidade, podemos comparar dois grandes artistas de épocas distintas, que ousaram na representação do nu feminino: Praxíteles foi o primeiro escultor a criar uma imagem de divindade (Afrodite) nua com o corpo relaxado, livre da rigidez empregada nas esculturas de sua época, com suas formas arredondadas, em uma natural e graciosa posição no instante em que sai da espuma do mar.

Séculos depois, Ticiano interpretou em sua pintura passagens de narrativas mitológicas e criou, dentre inúmeras obras, a *Vênus de Urbino*, considerada a imagem de nu feminino do Renascimento mais lasciva da escola veneziana. A *Vênus* está recostada em uma cama, com os olhos abertos, consciente do seu encanto, como se estivesse liberando o nu existente da figura mítica – criando a mulher real. Seu corpo revela o ideal da beleza e gostos eróticos do Renascimento pleno: formas arredondadas e corpulentas, ombros largos, sios pequenos.

Essa comparação faz desses dois artistas referenciais para estética clássica:

com originalidade e ousadia recriaram a nudez feminina na arte e inspiraram várias gerações de artistas.

Souto Maior (1976:112) conclui que, mais do que qualquer outro povo, o grego venerou a beleza, atingindo um grau incomparável nas suas concepções artísticas. A estética grega influenciou toda cultura ocidental e lançou sua semente de perfeição na arte de representar a forma humana, principalmente através do nu. Mesmo tendo sido abafada na Idade Média, teve no Renascimento seu despertar embasada numa moral pedagógica que refletia a intenção da sociedade da época, ao consagrar na arte o prazer do belo, propagando esse ideal de polis perfeita por todas as gerações futuras.

BIBLIOGRAFIA

- CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 2002
CONTI, Flavio. *Como Reconhecer a Arte Grega*. São Paulo: Martins Fontes, 1978
COTRIM, Gilberto. *Fundamentos da Filosofia*. São Paulo: Saraiva, 2000
GOMBRICH, E.H. *A História da Arte*. Rio de Janeiro: LTC, 1999
HAUSER, Arnold. *História Social da Arte e da Literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 1995
JANSON, H.W. e A.E. *Iniciação à História da Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1996
PROENÇA, Graça. *História da Arte*. São Paulo: Ática, 1996
SOUTO MAIOR, A. *História Geral*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1976.

A SÁTIRA X, DE JUVENAL

Prof. Dr. Amós Coêlho da Silva (UERJ)

RESUMO:

Poetas que se destacaram pela sátira. Ecos satíricos em outros discursos poéticos. Juvenal, que não soube mentir, ocupou o seu tempo tentando a educar os romanos: *Quid Romae faciam? Mentiri nescio. Que fazer em Roma? Não sei mentir.* (I, 3, 41)

A emergência urbana tornou o povo romano civilizado, mas insensato em suas preces suplicantes de desejos aos deuses: Juvenal, Sátiras, X.

Palavras-chave: sátira; moralismo; humor; ironia.

1 – INTRODUÇÃO

O termo sátira, que não está ligado à divindade grega Sático, provém do sintagma *Satura lanx*, que era a bandeja das primícias, oferecida à deusa Ceres que faz crescer a seara (MOISÉS, 1974: SÁTIRA). *Ceres* (BRANDÃO, 1993: 79-80) integra uma posição importantíssima no cenário religioso romano, devido à qualidade agrícola do povo latino, assimilou características de (IDEM, 1993: 271) *Deméter*: De-, variante de ‘Gç’, terra; ‘mçter’, mãe – Deméter é a terra cultivada; Ceres personifica a Terra cultivada. Essa divindade, instituidora dos trabalhos agrícolas, ensinou ao povo, cuja característica mais importante então era ser um *miles et agricola*: *Prima Ceres ferro mortalis uertere terram / Instituit, Ceres, como pioneira, instituiu que os mortais revolvessem a terra com o arado de ferro.*

Em reconhecimento à deusa da vegetação pela fartura das sementeiras, em latim *satio*:

¹*sātiō, ās, āre, āvī, ātum*, t.: saciar, fartar; satisfazer, saturar.

²*sātio, ōnis*, f.: sementeira; campo semeado; plantação.

Da mesma família, temos ainda: *satis*, adv.: bastante; *satura / sātira, ae*, f.: prato de diversos frutos; etc. Em português, temos a continuidade latina como em *satisfazer, satisfeito, saturar, etc.* Da deusa, temos cereal (*Ceres* é um conexo com o v. *crescere*, ‘nascer, brotar; crescer, medrar’) e derivações como *cerealicultor, cerealicultura, cerealífero, cerealina, cerealista, cerealístico, cerealse, etc.*

Portanto, ofertava-se a Ceres em gratidão à satisfação ou ao estar *saturado* uma bandeja com os primeiros frutos colhidos. Mas em 364 a.C., Tito Lívio (séc. Ia.C.) nos relata que o Senado tinha importado da Etrúria os *ludiones* ou *histriones*, a fim de apaziguar o ânimo divino e arrefecer uma peste que assolava, então, o povo romano. Surpresos e deleitados com os movimentos de dança e gracejos indecorosos, adotou-se a novidade.

A *fescennina licentia*, a permissividade da cidade etrusca Fescênia, se consagrou através das Confrarias dos Irmãos Arvais (de *arua*, os campos lavrados)